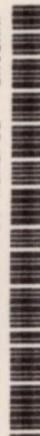


A AVENTURA DO TEATRO CAMPINEIRO

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030158

Correio - Janeiro de 82 pode talvez ser considerado o mês mais interessante e produtivo da história do teatro campineiro. Todos os grupos profissionais ou semiprofissionais se apresentaram e quase todos os espetáculos tiveram lotação completa. O teatro infantil manteve alto o seu nível (há quem diga que é superior ao de São Paulo e Rio) e produções como "Senhora dos Afogados", "A cantora Careca", "O Cordão Umbilical" e "Os Manequins" — todas montadas por gente local — nada ficaram a dever aos melhores espetáculos profissionais das duas grandes capitais. Significaria isso o ponto cultural, a partir do qual uma cidade passa a dar condições para o teatro profissional estabelecer-se?

J. Oliveira - Se com isso você quer configurar o ponto a partir do qual um ator ou um diretor de teatro passa a viver em função de seu trabalho, creio que é ainda cedo para conferir à cidade esse status. Mesmo num mês de casa cheia e programação densa, como foi janeiro, dificilmente um ator conseguiria sobreviver de seu trabalho em Campinas. Aliás, mesmo no eixo São Paulo-Rio isso de viver só de teatro é uma história relativa. A sobrevivência pelo teatro requer temporadas longas, e isso nós não temos aqui. Mas admito que janeiro tenha sido um enorme passo adiante.

Sara - Bom, em termos comparativos com anos anteriores, quando todo o movimento teatral da cidade era francamente amador, pode-se dizer que deu-se um grande passo no caminho da profissionalização. Creio que o que é necessário é manter o preço baixo do ingresso e criar temporadas mais longas para alguns espetáculos. Nesse sentido, 82 pode ser um ano fundamental para os profissionais e creio que o será.

"de 71 a 73, a cidade ficou sem espetáculo nenhum"

Rizzo — A Sara tem razão num ponto. Pois mais que a gente reclame das condições que a cidade oferece, o caminho andado nestes últimos dez anos foi considerável. Eu posso dizer porque vivi todo esse processo. O Crispim também. Vejam bem, em 65 eu saí de Campinas exatamente para tentar a sorte fora. Em 66 eu fazia teatro amador em Pirassununga e me lembro que só havia aqui aquele festival de teatro do Correio Popular, que era feito na antiga Secretaria da Cultura lá na Avenida da Saudade. Quem movimentava tudo aquilo era o Benedito Rodrigues Gouveia, depois o Ladislau Vitachi. Foi por essa época que nasceu a Associação Campineira do Teatro Amador, que depois se transformou na Fecamta. Creio que o Crispim deve visualizar bem essa primeira fase do atual movimento teatral de Campinas.

Crispim — Você disse bem. A fase que vivemos agora é uma continuação daquela, pois quase todos os grupos que atuavam naquela época continuam ainda por aí. Claro, a cidade agora conta com mais de 40 grupos, incluindo os amadores. Mas eu posso dizer do que aconteceu de 68 para cá.

Naquela época havia o Meta, havia o grupo do Roberto Steiner, além de alguns grupos de escolas. Tinha também o TEC, mas o TEC corria por fora, não queria saber de Associação nem nada. Mas os espetáculos eram eventuais e quase não havia temporada. Havia imensos vácuos na programação se é que se pode falar em programação. De 71 a 73,

que eu me lembro, a cidade ficou sem espetáculo nenhum. Nesse ano então nós entramos de sola com 12 espetáculos. De fora vieram o Putz, com o John Herbert e Esperando Godot. Minto, vieram também *Navalha na Carne e Morte e Vida Severina*. Já era alguma coisa.

"é preciso fazer justiça ao TEC e ao Paschoal Magno"

J. Oliveira - Creio que é preciso também fazer justiça a um fator externo, que foi o movimento dos teatros de estudantes (de onde nasceu o TEC) estimulado no Brasil inteiro por Paschoal Carlos Magno, de quem a Tatá era muito amiga. Está certo, o TEC era uma casca fechada, mas a nossa mentalidade teatral até hoje está enraizada na filosofia do Paschoal. Tudo isso permitiu o surgimento de recursos cênicos maiores e o desabrochamento de um bom número de atores, diretores e até figurinistas.

Carlos - Infelizmente, o que não se nota é o aparecimento de textos. Onde estariam os dramaturgos de Campinas?

Amaral - Me desculpem, mas aí entra o pessoal do teatro amador. Acontece que o pessoal do teatro profissional não tem peito para escrever para grandes platéias, já os amadores escrevem para as pequenas, e muito. Está certo que 80% das peças não se salvam, mas os textos existem e creio que são a esperança da dramaturgia campineira, se ela vier a se estabelecer um dia. Enquanto isso, o teatro profissional continua montando peças de fora.

Sara - do Amaral. A gente teve mais de uma oportunidade de montar texto local. Em 80 montamos "A Vigília", do Célio Avancini. Agora, o que eu sinto é que faltam autores que, a partir de uma vivência maior das montagens, conheçam a carpintaria do teatro. O Célio é um autor competente e a estrutura de "A Vigília" era boa, embora o texto fosse um tanto literário. Coisa que ele só pôde consertar na medida em que fosse vendo os ensaios. Quando partimos para uma segunda montagem dele, "Ana Messalina" que a censura proibiu, ele reescreveu muita coisa à medida que vivia a montagem. É isso o que falta ao autor campineiro. E para que haja isso, é preciso que haja mais montagens.

J. Oliveira — O fato é que depois da demolição do Teatro Municipal, em 65, se não me engano, houve uma paralisação total do teatro em Campinas.

Correio — Nesse caso os fatores que criaram condições para a explosão (pelo menos numérica) de grupos teatrais começaram a surgir a partir de 73. Que fatores foram esses?

Rizzo — acho que tudo começou a partir da fundação do curso de teatro do Conservatório Carlos Gomes, em 72. Cinco anos antes TEC tinha feito aquela tentativa isolada de profissionalização, que não deu certo, mas que desagou no Rotunda. E foi também em 72 que o Rotunda inaugurou o Teatro de Arena, com o "Hipólito". O Zé de Oliveira se lembra. A Tatá (Tereza Aguiar) inaugurou o curso do conservatório e pegou o pessoal para fazer o coro do "Hipólito". Lembro que a Tereza estava com o "Via-Sacra Hoje", que foi levado no Colégio Notre Dame. Estava eu no curso, estava o Manu, o Luís Otávio Burnier.

J. Oliveira — É, mas o grande impulso mesmo foi o espaço criado pelo Centro de Convivência e pelo Castro Mendes. Até então Crispim e outros batalhavam completamente sem espaço.

Crispim — Completamente. O Castro Mendes abriu em dezembro de 74. Em fevereiro de 75 veio o Zé Vasconcelos, com "Cidadão de Araque". E a peça seguinte já foi nossa, "Quarto de Empregada", se lembram? Então já era possível formar uma estrutura de grupo. Mas não se pode esquecer que antes disso houve o espaço criado pelo SESC, e nesse aspecto o SESC foi pioneiro, pois acabou gerando todo o teatro infantil existente hoje na cidade.

Amaral - Bem falado. É preciso ver peças para depois se aventurar. Eu comecei a ver teatro em 77 e em 79 escrevi um texto. Eu não tinha visto mais que cinco espetáculos, mas escrevi um texto. Estava na época muito impressionado com o Plínio Marcos.

Rizzo - Nessa história de não haver textos locais, entre um outro fenômeno. A cidade é ótima no que toca por exemplo à música erudita, tem um movimento teatral respeitável mas em termos de literatura, convenhamos, ela é nula. Que eu saiba não temos nem um grande romancista nem um grande contista na cidade. Fica então difícil ter um grande dramaturgo.

J. Oliveira - Tem aquele romancista de Morungaba, o Aécio Flávio Consolin, que ganhou um prêmio da Status. Uma vez nós fomos procurá-lo porque queríamos partir para uma produção maior. Tínhamos a idéia na cabeça, mas na hora de colocar no papel ninguém do grupo sabia escrever. Então fomos procurar Aécio. Chegamos a transmitir a ele uma certa noção de carpintaria teatral, porque ele nunca tinha escrito teatro. Bom, não deu certo. O romancista nem sempre é dramaturgo.

Carlos - Tem um coronel da reserva, o coronel Alexandre, que tem um texto excelente. Mas infelizmente suas peças são para 20, 30 personagens (risos).

Rizzo - Quando o Benedito Gouveia ainda era vivo, houve um concurso de textos teatrais e lembro que foi muito concorrido. A entrega de prêmios foi lá no Conservatório, se lembra, Crispim? Então foi engraçado porque o Eduardo Devasi ganhou o primeiro, o segundo e o terceiro lugares. Todo o restante era praticamente imprestável.

"Que dramaturgos nos deram as Academias e o curso de Letras?"

Carlos — É o caso de se perguntar: que autores nos deram até agora as duas academias de letras e a Faculdade de Letras? Sim, são duas academias (risos), a Campinense e a Campineira. Houve uma briga lá entre eles por problemas filosóficos e parece que toda a diferença está no nome. Mas creio que textos representáveis só vão surgir na cidade com o desenvolvimento do próprio teatro. A peça não

aparece antes de se construir o teatro, mas sim o contrário. As pessoas que trabalham com teatro é que vão começar a escrever.

Crispim — Lembro também de uma outra experiência com autor local. O Beethoven teve uma idéia para uma peça e então procuramos o Ivan Saidemberg, aquele jornalista e cartunista, creio que o grupo da Sara montou "A Baratinha" dele, não foi? Pois é, ele chegou a reescrever sete vezes o texto; ele escrevia, a coisa passava pela leitura e a gente via que não estava legal. Depois a peça ficou excelente. Só não chegamos a um acordo porque houve desentendimento financeiro. Não fosse isso, poderíamos ter feito uma experiência com ele.

Correio — Gostaria de voltar ao problema da sobrevivência do ator hoje em Campinas. O Zé de Oliveira, que é advogado, não dedica mais de 10% de seu tempo ao teatro e não ganharia com ele um décimo do que ganha em sua profissão. Entretanto há uns poucos que estão passando pela experiência de só fazer teatro. A Ruth Elizabeth é uma. Gostaria que ela explicasse como é essa experiência.

Ruth — Uma barra. Tem vez que o que a gente ganha é o suficiente, tem vez que não. Há meses em que tudo pára, não há espetáculos e então a gente entra em órbita. Você sabe, eu larguei emprego, larguei Faculdade, para assumir aquilo que gosto de fazer. Às vezes é preciso fazer um bico aqui, outro ali, para sobreviver. Uma vez eu estava tão desesperada que cheguei para o José de Oliveira e propus ser secretária dele por uma semana (risos). Mas não me arrependo, eu escolhi isso, vi que não dava para trabalhar, estudar e fazer teatro ao mesmo tempo. Isso me obriga a fazer vários espetáculos ao mesmo tempo. Veja bem, estou ligada à Sia Santa e agora quando estreou o "Se Chovesse", do Rizzo aqui, eu já estava no "Cordão Umbilical". Tudo ao mesmo tempo.

Crispim — Como a Ruth, há alguns outros atores que estão vivendo só de teatro na Sia Santa. Não se deve romantizar a coisa, pois realmente é difícil viver disso. Não sei ao certo a média de ganho de cada um, mas deve andar por volta de 20, 22 mil mensais. Mas tem uma coisa: quando a companhia viaja, ela é que paga alimentação, estadia, transporte, roupa lavada, remédios. Preferimos levar es-

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030159

petáculos infantis porque a despesa de execução é pouca, as montagens são mais simples. Mas as platéias são pequenas. Os seis atores que atuaram no "O Planeta Lilás", que levamos no teatro Anchieta em São Paulo, tiveram um faturamento por aí. Os que trabalharam no "Castelo de Mulumi", que correu Brasília, Goiânia, Uberlândia e tantas outras cidades, apresentando-se em salas para 300, 400 lugares, tiveram um faturamento um pouco maior. E é bom que se diga: os atores são contratados como autônomos, por tempo determinado.

Correio — É sabido que mesmo grupos profissionais de São Paulo e Rio raramente têm lucro com os espetáculos que levam. Yara Amaral, que recentemente se apresentou no Convivência com "À Moda da Casa", alegou prejuízo no fim da temporada. Na verdade, em qualquer parte do País são raros os que vivem de teatro.

"teatro se faz para sobreviver, não para capitalizar"

Rizzo — A Yara me confessou que teve um déficit de 1 milhão e meio com a temporada carioca de "À Moda da Casa". Ela veio para cá para tentar salvar a lavoura porque a dívida estava em banco e era preciso pagar.

Sara — Conversei com ela e soube que os problemas no Rio são idênticos aos daqui: falta, de salas de lugar para ensaio e principalmente de público.

Carlos — Pessoalmente acho que é possível ganhar pouco e sobreviver, desde que a pessoa esteja disposta a isso. Antes de vir

Crispim — É, a Sía Santa trabalha de acordo com a mentalidade de que se faz teatro para sobreviver, não para capitalizar. Para viver legal não dá. Nós mesmos, da direção, temos um pro-labore de 40 mil mensais e às vezes, por falta de caixa, não retiramos nada. Este ano, apesar da temporada de São Paulo, fechamos com 750 mil no vermelho. E isto sem comprar o ônibus que a gente comprou, que são mais 2 milhões e tanto.

J. Oliveira — Não, mas aí você precisa contabilizar o que a companhia já capitalizou. Estão no vermelho, mas a companhia tem um ônibus, tem carro, e assim por diante.

Carlos — Apesar de tudo, creio que 82 será um ano excelente para o teatro. É ano eleitoral, todas as portas se abrem com maior facilidade. Agora por exemplo estamos tendo a Mostra do Teatro Amador. É uma ótima oportunidade para se reavaliar o potencial criativo do pessoal que está aparecendo agora. Pouco a pouco o próprio teatro amador vem ganhando o seu espaço. O teatro profissional já ganhou o seu, embora, como se viu aqui, ainda não seja suficiente. Creio que será, a médio prazo.

para Campinas e me ingressar na Secretaria de Cultura, trabalhei como vendedor da Daco e ganhava bem. Tinha uma boa carteira de clientes, trabalhava um dia, dois, e pronto. Mas estava descontente, então larguei tudo e vim para cá, ganhando quatro vezes menos. Mas com aquilo sobrevivia e fazia o que eu gosto.

Sara — É mais ou menos o meu caso. Trabalho como secretária da Niza de Castro Tank, que é diretora do Museu Campos Sales. Não se ganha nada de maravilha, mas é o bastante para me permitir continuar fazendo teatro.

Três atores semiprofissionais, um ator amador, um diretor de teatro, um produtor profissional e um assessor da Secretaria de Cultura reuniram-se para um debate com o jornalista Eustáquio Gomes. Em pauta, a situação do teatro em Campinas e suas perspectivas de subir ao estágio da profissionalização.



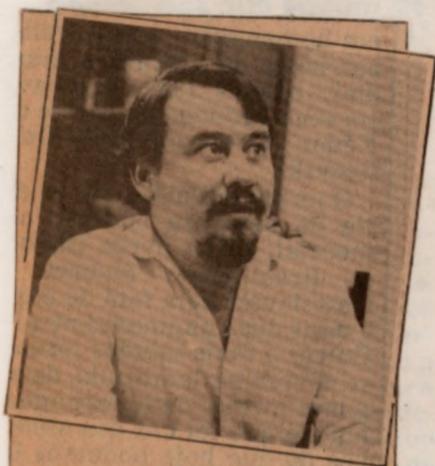
Sara Lopes, atriz e presidente da APTC



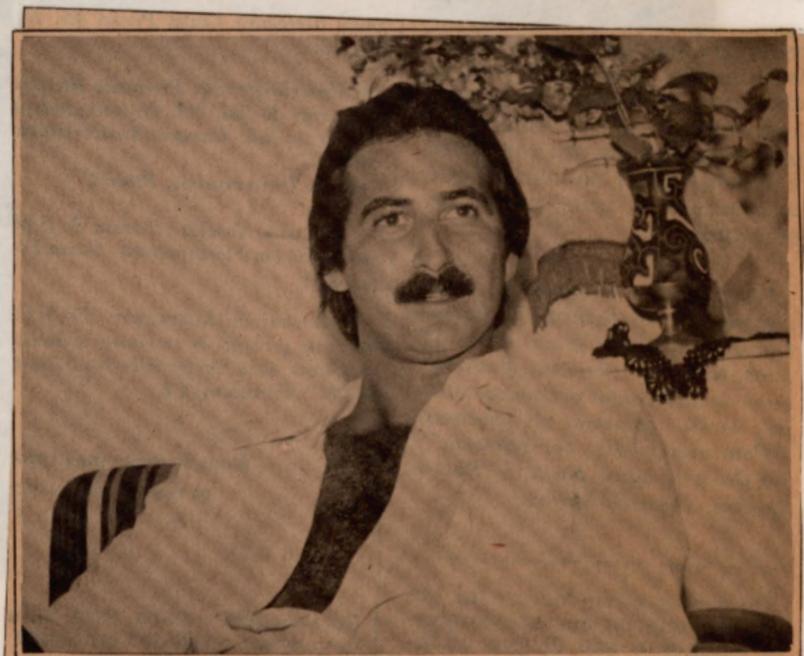
Ruth Elizabeth, atriz



Carlos Braggio, da Secretaria de Cultura



José de Oliveira, ator



Crispim Gomes, produtor da Companhia de Teatro São Santa



Edgar Rizzo, diretor

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030160



'A Cantora Careca' foi o espetáculo que alcançou maior bilheteria em Campinas, no mês de janeiro.